



C. S. Lewis

UMA INTRODUÇÃO

MANFRED SVENSSON

Sumário

| | |
|--|-----|
| <i>Prefácio</i> | 9 |
| Introdução | 11 |
| A recuperação do encanto do mundo..... | 11 |
| A luz na terra das sombras..... | 19 |
| A voz do “velho homem ocidental” | 25 |
| PARTE 1: RAZÃO E CIVILIZAÇÃO | 33 |
| 1. A VOCAÇÃO DA PALAVRA E DA VERDADE | 39 |
| O verbicídio e a opinião..... | 39 |
| O bulverismo | 49 |
| A leitura e o universo vazio..... | 57 |
| 2. AS FORMAS DO SABER | 65 |
| O cientificismo e a transformação do mundo | 65 |
| As artes liberais e a educação | 77 |
| 3. O PROGRESSO E A VISÃO DE LEWIS DA HISTÓRIA..... | 89 |
| Entre o progressismo e a crítica da civilização..... | 89 |
| A grande virada | 97 |
| PARTE 2: O TAO E A COMUNIDADE | 105 |
| 4. A MANIPULAÇÃO E A ABOLIÇÃO DO HOMEM..... | 111 |
| A distopia de Lewis..... | 111 |
| Os sentimentos e a razão na educação | 115 |

| | |
|--|------------|
| A ética tradicional na encruzilhada | 122 |
| O relativismo e o poder..... | 128 |
| 5. O TAO | 133 |
| Uma “falsa filosofia moral” | 133 |
| A lei natural | 137 |
| A ecologia e a natureza humana..... | 147 |
| Contra o humanitarismo..... | 151 |
| 6. A IGUALDADE E A COMUNIDADE..... | 159 |
| A democracia dos homens caídos..... | 159 |
| A amizade e “o círculo íntimo”..... | 168 |
| O amor, a fidelidade e o “direito de ser feliz” | 175 |
| PARTE 3: SUA HERESIA, O CRISTIANISMO | 181 |
| 7. A EXPLICAÇÃO MAIS PROVÁVEL | 187 |
| A alegria e o logos cósmico | 187 |
| O milagroso, o racional e a história | 195 |
| A moral e o numinoso..... | 202 |
| A religião e o “mundo” | 209 |
| 8. LEWIS E AS TRADIÇÕES CRISTÃS | 217 |
| O que é “cristianismo puro e simples”? | 219 |
| Lewis entre católicos e protestantes..... | 226 |
| Lewis entre liberais e fundamentalistas | 237 |
| Um anglicano “sem preferência pela Igreja Alta ou pela Baixa” | 243 |
| A unidade dos cristãos | 250 |
| Conclusão | 253 |
| <i>Obras originais de C. S. Lewis</i> | 259 |
| <i>Bibliografia</i> | 263 |

Prefácio

O ano de 2013 marcou o quinquagésimo aniversário da morte de Lewis e, como de costume (ou como uma epidemia) nesse tipo de comemoração, o evento foi a ocasião para a publicação de um número significativo de estudos sobre sua obra. Mas, com isso, terminou um processo de amadurecimento que já se manifestava na existência de um *Cambridge Companion* [Guia literário da Cambridge] para acompanhar a obra do autor britânico. Sem dúvida, uma parte significativa da própria produção literária de Lewis pertence ao gênero “popular” ou “semipopular”, mas tanto esses seus livros como seus trabalhos mais eruditos se tornaram de forma gradual objeto de estudo acadêmico. Esse e outros motivos tornaram factível uma revisão substancial de um livro que publiquei antes a respeito dele: *Más allá de la sensatez: el pensamiento de C. S. Lewis* [Muito além do bom senso: o pensamento de C. S. Lewis].¹

Não há edição das obras completas de Lewis, mas, para preservar certa uniformidade (também no tom das traduções), foram feitos esforços para citar edições inglesas comumente acessíveis. Agradeço à Editora Clie pela generosidade em permitir

¹Manfred Svensson, *Más allá de la sensatez: el pensamiento de C. S. Lewis* (Barcelona: CLIE, 2011).

a utilização do material já publicado e ao Instituto de Estudios de la Sociedad (IES) pelo interesse em publicar este novo livro. Sou grato de modo especial a Joaquín Castillo, que apoiou a ideia do começo ao fim, a Josefina Poblete, por seu trabalho no processo de edição, e aos demais membros da equipe do IES pelos comentários generosos a fim de melhorar o texto.

Introdução

A recuperação do encanto do mundo

Enquanto ocorria a Segunda Guerra Mundial, C. S. Lewis, um professor não muito famoso de Oxford, teve sua inesperada ascensão à fama — apesar de já ser reconhecido como um bom instrutor. Ademais, aos 38 anos, ele também publicou sua primeira obra acadêmica, *Alegoria do amor*,¹ e, dois anos depois, sua primeira obra de apologética popular, *O problema da dor*.² Contudo, o reconhecimento modesto dessas obras não se compara com o que trariam *Cartas de um diabo a seu aprendiz*.³ A obra foi publicada sob a forma de cartas individuais no *The Guardian* (uma publicação menor que não deve ser confundida com o jornal de mesmo nome), e Lewis se lembraria do livro — dedicado a Tolkien [John Ronald Reuel Tolkien] — como algo cuja composição não havia implicado esforço nenhum. Em 1942 foi publicada a edição inglesa e, em 1943, a americana. Juntas, elas solidificaram a posição de Lewis de um divulgador inteligente do cristianismo em meio a tempos críticos para o Ocidente.

¹Publicado em português por É Realizações.

²C. S. Lewis, *The problem of pain* (New York: HarperCollins, 2009) [publicado em português por Thomas Nelson Brasil].

³Idem.

A correspondência entre o demônio mais experiente Maldanado e o novato Vermelindo começa com a reclamação de Maldanado sobre a ingenuidade de seu aprendiz, que acredita poder prender sua vítima dando-lhe literatura materialista para ler. Ele o corrige: “O jargão, não argumentos, essa é a ferramenta que você usará para mantê-lo a salvo da Igreja”.⁴ Tal preocupação com a linguagem permite entender de onde surgiu a ideia de escrever um livro popular sob a ótica demoníaca. Como revela a correspondência com seu irmão, essas cartas foram concebidas em parte após a audição de um discurso de Hitler. Embora seu caráter monstruoso e absurdo se torne evidente assim que a transmissão de rádio termina, escreve Lewis, é difícil não vacilar em algum momento enquanto ele ainda está falando.⁵ Essa experiência de sedução momentânea por algo que a distância mínima permite ver como grotesco o levou à ideia de descrever o processo de tentação “do outro lado”. A ideia deu certo, também no sentido de trazer algum alívio financeiro para Lewis. Entretanto, junto desse alívio, viriam fardos — como atender à crescente correspondência com seus leitores e certa tensão com colegas que o viam envolvido em explorações não inteiramente relevantes para um membro de uma instituição tão prestigiada.

Como, porém, caracterizar o tipo de discurso que busca substituir a sedução do jargão? Em *A preface to Paradise Lost* [Um prefácio ao Paraíso Perdido], de John Milton, Lewis escreveu: “Precisamos recuperar com urgência a arte poética perdida de enriquecer uma resposta sem torná-la excêntrica, e ser normal

⁴C. S. Lewis, *The Screwtape letters (with Screwtape proposes a toast)* (New York: HarperCollins, 2009), p. 1.

⁵C. S. Lewis *The collected letters of C. S. Lewis, edição de Walter Hooper* (New York: HarperCollins, 2004-2007), 3 vols., vol. II, p. 425. (Daqui em diante indicado pelas iniciais CL, seguidas de volume e página.)

sem ser vulgar”.⁶ Qualquer leitor que conheça razoavelmente a obra do próprio Lewis identificará com facilidade essas virtudes. *De As crônicas de Nárnia*⁷ a *Até que tenhamos rostos*,⁸ de *Perelandra*⁹ a *A abolição do homem*,¹⁰ esse enriquecimento sem excentricidade é uma qualidade típica de seus livros. Também em obras menos conhecidas, ele pode ser visto em busca desse tipo peculiar de meio-termo. Após a conversão ao cristianismo em 1932, a primeira obra que Lewis publicou foi *O regresso do Peregrino*, cujo subtítulo é: *Uma defesa alegórica do cristianismo, da razão e do romantismo*.¹¹ Repleta de referências indiretas à literatura e ao pensamento de seu meio, não é uma obra fácil de ler. A leitura e a compreensão em si consistem em certa forma de peregrinação. No meio dela encontramos com um tal de sr. Sensível. Seu nome, aliás, não deveria ser traduzido por “sr. Sensível”, mas por “sr. Sensato”. Esse senhor sensato é um homem que simplesmente quer tudo na medida certa — é exatamente nisso que constitui seu bom senso. Um homem que quer cultura, mas sem os excessos de uma filosofia que pede com insistência a verdade. E, para sustentar sua moderação, cita a clássica definição de Aristóteles, segundo a qual a virtude é justo-meio. A sabedoria do sr. Sensato compreende apenas que se evitem posições extremas. Mas outra das personagens, a Virtude, o interrompe e corrige, lembrando-lhe que, de acordo com o próprio Aristóteles, a virtude não é apenas um justo-meio entre os vícios, e sim, ao mesmo tempo, algo extremo na direção do bem. Não há excesso possível desse bem. Lewis pode

⁶C. S. Lewis, *A preface to Paradise Lost* (Oxford: Oxford University Press, 1944), p. 56.

⁷Publicado em português por Thomas Nelson Brasil.

⁸Idem.

⁹Idem.

¹⁰Idem.

¹¹Idem.

ser descrito como parte de uma tradição centrista (pense em sua defesa do cristianismo “puro e simples” em vez de polêmicas interdenominacionais); mas ele também pode ser descrito como seguindo, com consequências surpreendentes, ideias que, tendo entrado em crise manifesta, podem parecer extremas. É essa consequência que perturba, ao contrário, o “sr. Sensato”, que, em *O regresso do Peregrino*, afirma: “O bom senso é leve, a razão é dura. O bom senso sabe onde parar com graciosa incoerência, enquanto a razão segue a lógica abstrata como uma escrava sem saber aonde ela o levará”.¹² Lewis estava realmente disposto a seguir essa lógica aonde ela o conduzisse. Todavia, como bem sabemos, a sua lógica não foi de todo “abstrata”, mas desdobra-se numa obra que, tanto nas suas manifestações literárias quanto ensaísticas, é alimentada pela rica imaginação de seu autor.

Se quisermos iluminar o que moveu Lewis a essa tarefa, podemos dizer que ele estava envolvido na tarefa de recuperar o encanto do mundo. Não apenas a vida humana, mas o mundo: “Se o mundo carece de sentido, nós também carecemos; mas, se temos algum sentido, não só nós o temos”.¹³ Trata-se, é claro, de uma resposta a um processo anterior de desencantamento. A caracterização do mundo moderno como desencantado deve sua formulação mais famosa a Max Weber, que a tornou conhecida em *A ciência como vocação*, durante os anos de estudante de Lewis. E aqui vale lembrar que a ideia de desencantamento não é apenas idêntica à de secularização. Que o mundo deixou de ser um jardim encantado é algo que, para Weber, se expressa com

¹²C. S. Lewis, “The Pilgrim’s regress: an allegorical apology for Christianity, reason and romanticism”, in: *The collected works of C. S. Lewis* (New York: Inspirational, 1996), p. 63 [publicado em português por Thomas Nelson Brasil].

¹³C. S. Lewis; Tillyard, Eustace, *The personal heresy: a controversy* (London: Oxford University Press, 1939), p. 30.

igual força no predomínio da racionalidade técnica. Podemos dizer que a própria burocratização da existência é uma manifestação fundamental desse desencanto. Lewis, como os leitores de *Cartas de um diabo a seu aprendiz* e *Aquela força medonha*¹⁴ se lembrarão, tende a ver a dita burocracia como a própria estrutura do inferno e os cenários infernais que encontramos nesta terra (como no segundo desses livros). A redução da racionalidade à sua função instrumental é também algo que o ocupa em obras como *A abolição do homem*, cujas páginas finais sonham com uma ciência que “ao falar das partes se lembra do todo, que ao falar sobre ‘ele’ não se esqueça do que Martin Buber chamou a situação de ‘tu’”.¹⁵ Em outras palavras, Lewis ocupa-se com a resposta ao desencanto no sentido mais amplo.

O que pode, porém, significar tal recuperação do encantamento? Começamos pelo esclarecimento de que não significa abertura a um tipo de espiritualismo mórbido. Sobre Richard Hooker, o teólogo que Lewis frequentemente descreve nos termos mais elogiosos, ele nos diz que seu modelo do universo está “repleto da Deidade”.¹⁶ Parece, assim, um caso paradigmático do mundo encantado. Mas o trabalho de Hooker era ao mesmo tempo uma defesa da sobriedade contra o puritanismo. Talvez Lewis (ou o próprio Hooker) nos sugerisse que as patologias de certo “puritanismo” (teremos oportunidade de ver os problemas desse termo mais tarde) constituem uma reação desarraigada contra o desencantamento. O próprio Lewis escreve que nossa atitude em relação aos seres sobrenaturais deve ser como a de um

¹⁴Publicado em português por Thomas Nelson Brasil.

¹⁵C. S. Lewis, *The abolition of man, or Reflections on education with special reference to the teaching of English in the upper forms of schools* (New York: HarperCollins, 2001) p. 79.

¹⁶C. S. Lewis, *Oxford History of English Literature in the sixteenth century excluding drama* (Oxford: Clarendon, 1954), p. 459.